

ÁUDIO música & TECNOLOGIA

ISSN 1414281



9 771414 282031 12275



ROCK IN RIO LISBOA 2014

A "parede sonora" e o trabalho de técnicos de alguns dos principais nomes do festival

CTJ HALL

Os projetos de acústica, áudio e vídeo do auditório da Casa Thomas Jefferson, em Brasília

MIXAGEM

A difícil hora de trabalhar com os volumes

HOME STUDIO

Funcionamento e especificações dos patchbays

HAMILTON DE HOLANDA

Disco duplo exalta sonoridade acústica e natural

Volta às origens musicais e cenografia "incomum" no novo show do Jota Quest
Walter Carvalho fala sobre a fotografia de *O Rebu*
Ocultando identidades no Media Composer

O “Rio além-mar” e muito mais

Nesse agosto pós-Copa e cheio de mísseis cruzando os céus desse nosso lindo, mas complicado planeta, a *AM&T* chega trazendo informação e, por que não, até um certo alívio. Mergulhar nessas páginas é, para o amante do áudio, da música, da tecnologia, como viver por algum tempo exclusivamente em um acolhedor universo invisível, onde o som – verdadeiro abrigo antibombas – é tudo o que importa.

Mas, ok, cortando o papo hippie, nossa capa desse mês traz a mais recente edição do Rock in Rio Lisboa, um dos principais festivais da Terra, que, em 2014, mais uma vez reuniu grandes nomes da música mundial, como Queens Of The Stone Age, Arcade Fire, Linkin Park, Stones, e também brasileira, como Capital Inicial e Ivete Sangalo. Ao longo do texto você poderá conferir as impressões de alguns dos técnicos que fizeram acontecer durante os dias e noites de festa. Dificuldades, soluções, prioridades, opiniões... Você também ficará por dentro do conceito de “parede sonora”, criado, para o som ao vivo, pelo lendário Grateful Dead de Jerry Garcia lá atrás e intensamente desenvolvido até hoje, chegando a grandes festivais mundiais, como o RIR Lisboa. Está tudo na matéria. Vale a pena fazer essa rápida viagem a Portugal e voltar sabendo mais.

Outro conteúdo que merece destaque nessa edição é o que se refere ao CTJ Hall, em Brasília. Ao longo das páginas, o consultor Alexandre Guimarães mostra os detalhes dos projetos de acústica, áudio e vídeo do espaço, que é o auditório da Casa Thomas Jefferson, centro cultural sem fins lucrativos que celebra o intercâmbio entre Brasil e Estados Unidos. Muitas explicações, detalhes e imagens, ao lado de um texto claro e objetivo escrito por quem concebeu aquilo tudo. Sem dúvidas, servirá como orientação ou, pelo menos, comparação, para aquele seu novo projeto, caro leitor, talvez em andamento, talvez ainda no papel. Nada como conferir casos como esse e, a partir deles, escolher os mais adequados materiais, softwares e abordagens para seus próprios trabalhos. E que tal estar em estúdio com o premiado bandolinista e compositor Hamilton de Holanda, acompanhando de perto a caprichosa confecção de seu novo álbum? Também temos isso aqui. É só seguir em frente.

No caderno *Luz & Cena* a capa é o novo show do Jota Quest. Retornando às suas raízes, fincadas na black music, a banda apresenta uma proposta cenográfica bem diferente daquela na qual vinham apostando. Com alma retrô e tecnologia das mais avançadas, o resultado é surpreendente. Trazemos ainda uma entrevista primorosa com o mestre Walter Carvalho, que fala sobre a fotografia do remake de *O Rebu*, nova produção da Globo. Sem exagerar, você verá que cada resposta é uma aula e uma homenagem ao ofício. Bonito mesmo.

Boa leitura!

Marcio Teixeira

ISSN 1414-2821

Áudio Música & Tecnologia

Ano XXVI – Nº 275/agosto de 2014

Fundador: Sólón do Valle

Direção geral: Lucinda Diniz -
lucinda@musitec.com.br

Edição jornalística: Marcio Teixeira

Consultoria de PA: Carlos Pedruzzi

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO

Alexandre Guimarães, Bia Aparecida,
Cristiano Moura, Enrico De Paoli, Fábio
Henriques, Farley Derze, Lucas Ramos,
Luciano Alves e Renato Muñoz.

REDAÇÃO

Marcio Teixeira - marcio@musitec.com.br
Rodrigo Sabatinelli - rodrigo@musitec.com.br
redacao@musitec.com.br
cartas@musitec.com.br

DIREÇÃO DE ARTE E DIAGRAMAÇÃO

Client By - clientby.com.br
Frederico Adão e Caio César

Assinaturas

Karla Silva
assinatura@musitec.com.br

Distribuição: Eric Brito

Publicidade

Mônica Moraes
monica@musitec.com.br

Impressão: Ediouro Gráfica e Editora Ltda.

Áudio Música & Tecnologia

é uma publicação mensal da Editora

Música & Tecnologia Ltda,

CGC 86936028/0001-50

Insc. mun. 01644696

Insc. est. 84907529

Periodicidade Mensal

ASSINATURAS

Tel/Fax: (21) 2436-1825

(21) 3435-0521

Banco Bradesco

Ag. 1804-0 - c/c: 23011-1

Website: www.musitec.com.br

Distribuição exclusiva para todo o Brasil
pela Dinap S/A – Distribuidora Nacional de
Publicações, Rua Dr. Kenkiti Shimamoto, nº
1678, CEP 06045-390 – São Paulo – SP”

Não é permitida a reprodução total ou
parcial das matérias publicadas nesta revista.

AM&T não se responsabiliza pelas opiniões
de seus colaboradores e nem pelo conteúdo
dos anúncios veiculados.



34

Rock in Rio Lisboa 2014

A "parede sonora" e o trabalho de técnicos de alguns dos principais nomes do festival

Rodrigo Sabatinelli e Marcio Teixeira

- 14 **Em Casa**
Patchbays (Parte 1): Funcionamento e especificações
Lucas Ramos
- 22 **Plug-ins**
Waves Vitamin Sonic Enhancer: Tudo o que você já conhece, mas de outro jeito
Cristiano Moura
- 26 **Notícias do Front**
Ouvir música, obter referências e aplicá-las: Interpretando a apresentação do técnico de PA Robert Scovill na AES Brasil Expo 2014
Renato Muñoz
- 42 **Instrumental no Capricho**
Hamilton de Holanda grava disco duplo e exalta sonoridade acústica e natural do trabalho
Bia Aparecida e Rodrigo Sabatinelli

- 50 **CTJ Hall**
Cada etapa dos projetos de acústica, áudio e vídeo do auditório da Casa Thomas Jefferson, em Brasília
Alexandre Guimarães
- 56 **Sonar**
Equalizador QuadCurve do Sonar X3 Producer
Luciano Alves
- 58 **Mixagem**
Otimizando Sua Mixagem (Parte 5): Volumes
Fábio Henriques
- 96 **Lugar da Verdade**
Como arrumar uma mala (e não é que o mesmo vale para mixagens?)
Enrico De Paoli

seções

- editorial 2
- novos produtos 10
- notícias de mercado 6
- índice de anunciantes 95

LUZ & CENA



68

capa

Jota Quest retoma black music em show com cenografia "incomum"

por Rodrigo Sabatinelli



76

entrevista

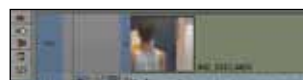
Walter Carvalho fala sobre a fotografia de *O Rebu*, nova trama da Globo
por Rodrigo Sabatinelli



84

iluminando

História dos profissionais de iluminação cênica no Brasil - Terceiro capítulo: Marga Ferreira
por Farley Derze



92

media composer

Ocultando identidades no Avid Media Composer
por Cristiano Moura

PRODUTOS	64
EM FOCO	66

CADERNO

LUZ & CENA

O BAILE DO JOTA QUEST

Banda resgata origens black em show com cenografia "incomum"

MARGA FERREIRA

A carreira de um nome fundamental na iluminação cênica brasileira

Entrevista

WALTER CARVALHO

Tudo sobre a fotografia de *O Rebu*, nova trama da Globo

MEDIA COMPOSER

Ocultando identidades no programa da Avid



Marga Ferreira e Farley Derze - Porto Alegre, oito de maio de 2008

HISTÓRIA DOS PROFISSIONAIS DE ILUMINAÇÃO CÊNICA NO BRASIL

Terceiro capítulo: Marga Ferreira

“É o show de uma cantora num teatro do Rio de Janeiro. Me chamaram para fazer a luz e disseram que o dinheiro para o equipamento é pouco... É para eu criar a luz com 16 refletores, um fresnel de 220, dois fresneis Telem, um elipsoidal, dois PCs, uma mesa digital... Ou seja, terei que inventar.” Assim começou a entrevista que fiz com a iluminadora cênica Marga Ferreira, em oito de maio de 2008, em seu apartamento, na cidade de Porto Alegre. Em si, a entrevista nem tinha começado. Por força do hábito entrei no apartamento e enquanto ela fechava a porta eu já ligava a câmera e perguntei como iam as coisas, “muito trabalho”? Daí percebi que seu computador

estava ligado e que ela lia um e-mail antes da minha chegada. Era o convite para fazer a luz de uma cantora carioca lá no Rio de Janeiro. Ela leu o e-mail para mim, com a lista de equipamentos disponíveis para a criação da luz, e depois da leitura concluiu, como já citado anteriormente: “terei que inventar”.

Essa frase me soa como uma espécie de metáfora da realidade para as pessoas que lidam com arte. É comum na história das artes o problema (ou a solução) da falta de recursos materiais ao artista. A iluminação cênica é uma linguagem artística assim como a pintura, a dança, a cenografia, a música, o figurino, o

texto, o gestual dos atores. A invenção me parece estar intrinsecamente ligada à originalidade artística, talvez seja o "DNA" da originalidade, em vez da reprodução permanente de modelos preexistentes... Como uma espécie de "pensamento industrializado". E a história já nos ensinou que a partir das adversidades surgiram grandes expressões artísticas. Van Gogh foi rejeitado pela École de Beaux Arts, de Paris. O mesmo ocorreu com o arquiteto Gaudi, em Barcelona. Eu sou leigo em iluminação cênica, mas a concebo como uma linguagem artística. Quando olho muitas cidades à noite, é como se cada uma delas fosse um teatro a céu aberto, pois muitas de suas luzes lhe conferem uma dinâmica cênica, um efeito psicológico: luz em monumentos, luz em fachadas... É como se a iluminação urbana fosse a filha primogênita da iluminação cênica que já existia antes da luz elétrica.

Assim como diferenciamos Picasso de Caravaggio, Adriana Calcanhoto de Cássia Eller, Paris de Las Vegas, Nelson Rodrigues de José Celso Martinez, é possível diferenciar a iluminadora Marga Ferreira de, por exemplo, Paulo Cesar Medeiros. Citei exemplos que fizeram com que eu me sentisse alfabetizado visualmente na linguagem da luz, pois ambos deixam claros à minha percepção o estilo de cada um. Aliás, adoro a luz da Marga nos shows de música e a luz de Paulo César Medeiros em peças teatrais. Gosto porque são inconfundíveis. Fica fácil reconhecer.

O COMEÇO

Marga Ferreira nasceu em 31 de janeiro de 1954, em Caxias do Sul, Rio Grande do Sul. Começou na profissão por causa de um romance. Ela estudava jornalismo e namorava um rapaz que em 1978 tinha um grupo de teatro chamado "Teatro Vivo". Ele atuava como ator, mas também criava e montava luz. E, ainda, fazia refletores com lata de Leite Ninho, os pintava de preto e colocava uma lâmpada lá dentro. Fez também uma mesinha de dimmer com controle deslizante. Na condição de namorada dele, assistia a todos os espetáculos. Daí estreou o espetáculo *Pequenas histórias do bicho homem*, em cartaz de quarta a domingo. Ela ia todos os dias. O rapaz que operava a luz, um argentino, ficou doente e não conseguia mais trabalhar por causa de uma hepatite. O elenco (Susana Saldanha, Beto Ruas, Irene Brietzke, Samuel Betts) se reuniu diante do problema e se

PROMOÇÃO ESPECIAL!



Manual Prático de Acústica

de R\$ 72,00 por R\$ 65,00*

autor: Sólon do Valle

Guia de Mixagem 1

de R\$ 45,00 por R\$ 39,00*

autor: Fábio Henriques



* a esses valores serão acrescidas as taxas de envio.

Para ver essas e outras promoções acesse:

WWW.MUSITEC.COM.BR

Você pode adquirir esses livros também na versão digital. Vá às lojas da Apple ou do Google play, e adquira o seu.
Manual Prático de Acústica: US\$ 14,99 (dólares)
Guia de Mixagem 1: US\$ 8,99 (dólares)

Mais informações:

e-mail: assinatura@musitec.com.br

Tel: 21 3435-0521

JM LIGHTING
LONDON FOG

VENDAS 11 2872-6537
11 2983-6357



Liquido de fumaça SUPER



Liquido de fumaça ESPECIAL



Liquido de fumaça MEGA



Liquido de fumaça STUDIO



Liquido HAZE Base de água



Liquido HAZE Base de óleo



Liquido NEVE artificial



Liquido p/ máquina de BOLHA



Liquido p/ LIMPEZA de máquina de fumaça

VISITE NOSSO SITE: WWW.JMLIGHTING.COM.BR

Email: jmlighting@yahoo.com.br



Marga Ferreira afinando uma luz azul

Porto Alegre, numa quarta-feira do mês de novembro, Marga ingressou na profissão que abraça até os dias de hoje. Naquela época havia um projeto chamado “Mambembão”, que escolhia os melhores espetáculos e os levava para percorrer o Brasil. No ano seguinte, passou a viajar como operadora de luz do espetáculo e conheceu cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília... No mesmo período, seu namorado foi visitar os Estados Unidos e foi substituído por outro ator, mas Marga permaneceu como operadora de luz nas turnês. Na cidade em que residia, Porto Alegre, conheceu, em seguida, o iluminador João Acir, que a convidou para operar a luz de diversos espetáculos teatrais.

O CAMPO PROFISSIONAL

Em 1980, dois anos após sua estreia, fez sua carteira profissional de “operadora de luz”. Na década de 1990, já era reconhecida como “iluminadora”. Marga explica a diferença dizendo que “o iluminador vai estar junto com o diretor, vai saber qual é a ideia, vai saber o que o diretor pensa e o que vai ser feito”, enquanto “o operador vai entrar no trabalho na hora em que o iluminador tiver tudo pronto na cabeça para, então, lhe passar a luz”.

Contudo, Marga sempre fez a opção de operar a luz que ela mesma cria, pois gosta de viajar com os espetáculos, embora também realize muitos trabalhos de operação de luz a convite de outros iluminadores, outras companhias teatrais e produtores artísticos. Cita como exemplo a operação de luz do Tangos e Tragédias, cuja luz era de autoria de Heloísa Averbuck.

perguntaram “quem poderia operar a luz?”, “quem conhecia o espetáculo?”. Marga também estava nessa reunião e alguém perguntou: “você conhece bem o espetáculo, quer encarar a luz?”. De fato, ela sabia todas as “deixas”. Resultado: topou o desafio.

Era um domingo. Ela ficou segunda e terça treinando os movimentos de luz. Foi assim que aos 24 anos, em

No campo da aprendizagem, ela reconhece que nos dias atuais há inúmeros cursos para quem deseja ingressar na profissão. Entretanto, considera válida a ideia de “se grudar em alguém com experiência, porque foi assim que muitos expoentes da atualidade começaram”. Cita como seu primeiro mestre o iluminador Samuel Betts e logo em seguida João Acir (1932-2011).

Depois, Marga teve a ideia de ter sua própria empresa de iluminação para alugar equipamentos: a Clara Luz. Se uniu a um amigo cuja mãe, com 75 anos, tinha recursos financeiros e queria investir em alguma coisa. A ideia de abrir uma empresa partiu do amigo. Marga não aceitou porque não tinha dinheiro para entrar como sócia, mas Dona Clara (a mãe do amigo) disse “eu pago sua parte, pago sua cota”. Assim, a empresa foi aberta. Começou com a aquisição de 24 lâmpadas (PAR 64 foco 5) e uma mesa Translux de 24 canais. O local ficava no porão da casa de um outro amigo. Com essa empreitada, sentiu um alívio no que diz respeito à criação de luz. Antes, era dependente de outra empresa na hora de locar os artefatos que especificava em seu projeto de iluminação. Muitas vezes o caminhão de uma ou outra empresa chegava com materiais que não foram solicitados. Durante dez anos ficou envolvida na empresa. Depois foi necessário sair da sociedade em razão das inúmeras turnês que fazia.

Até onde consegui chegar ao pesquisar a história dos profissionais de iluminação cênica no Brasil, tudo indica que Judy Spencer (residente em São Paulo) foi a primeira iluminadora cênica do país (a primeira mulher), sendo Marga a segunda.

A CRIAÇÃO DA LUZ

Marga tem em seu currículo de iluminadora a luz para shows de Adriana Calcanhoto, Engenheiros do Hawaii, Cássia Eller, teatro de bonecos “Sem Modos”, dentre tantas em seus 30 anos de profissão. Embora tenha experiência com luz para teatro, luz para ópera (na condição de assistente do saudoso João Acir), Marga acumulou muitas experiências como iluminadora de shows de música. Para a afinação da luz, informa que faz à moda antiga. “Tenho que olhar o filamento da lâmpada. Comprei um óculos com lentes escuras. Através do filamento no meu olho eu sei onde vai estar o foco. Reconheço o valor de outras escolas, como em Buenos Aires, onde eles afinam tudo no chão. É difícil dar erro.”



Show do cantor Antonio Villeroy (à direita)



Show de Vanessa da Mata

Quando lhe perguntei sobre qual é o primeiro passo ou preocupação que tem quando é convidada para criar uma luz, a resposta foi esta. “Por exemplo, no caso desse show de música que fui chamada para fazer no Rio de Janeiro, o primeiro passo é saber se eu conheço o que ela canta, e peço um CD para escutar; a segunda preocupação é saber se tem direção, ou seja, se há um diretor que me passe suas ideias. Nesse show em que estou envolvida agora não há diretor, então preciso ouvir as ideias da cantora. O show tem músicas dos dois CDs dela, e a maioria são suas composições, mas ela canta músicas de outras pessoas também. Mesmo nas músicas que eu já conheço, preciso saber o jeito dela cantar.”

Marga recorda que a artista esteve em sua casa.

“Conversamos uma tarde inteira, ouvi o que ela pensa sobre cada música e a roupa que vai vestir em determinados momentos. A partir daí eu tomo decisões sobre os movimentos ou não de luz. Confesso que já fui muito exibida fazendo luz – de tanto prazer que dá, viu? (risos) –, mas atualmente eu quero ‘vestir os momentos do show’. Isto é, não dá para a luz ser mais importante do que o espetáculo. Hoje em dia eu me pego pensando sobre o que é criação de luz nesse oceano de tecnologias que surgem a todo momento. É tanto equipamento, tanta tecnologia... É muito estimulante, mas às vezes vejo os fochos de luz cruzando a cena como se fossem limpador de parabrisas... Não dá para ver a conexão da luz com a música tocada, porque nas outras tudo se repete. ‘Vestir os momentos do show’ é escrever a luz de acordo com a música, de acordo com o momento.”

Ela gosta de ouvir música por música para elaborar uma concepção da luz. Se o show tem 12 músicas, ela escuta a primeira e anota uma referência. Às vezes, busca um contraponto. Se a música é romântica, experimenta “sair do padrão”, por exemplo, iluminando com uma cor fria. Pode dar certo para provocar reflexões ou induzir memórias de um sentimento. Marga ainda nos diz que em algum momento do show deve haver “uma luz linda”, algo para se fixar nos olhos da plateia, para marcar o show quando as pessoas forem embora. Se um show tem pouca verba, ela decide que não dá para usar ciclorama branco, nem abusar da fumaça para desenhar, então vai usar a parede do teatro.

Ela diz que sente orgulho ao ser reconhecida pelos seus pares por causa da gelatina recortada, que ficou como uma marca pessoal. No passado, quando não havia gelatina suficiente, Marga recortava pedaços de celofane de diferentes cores e os unia numa única “folha”. O resultado era uma luz diferente daquela de gelatinas de uma única cor. Ela também teve a ideia de fixar apenas um pedaço da gelatina numa parte da boca do refletor, de modo que o resultado é a luz incandescente que vaza do interior do refletor pelas laterais do pedaço colorido de gelatina recortada. Ou seja, a partir de uma deficiência de material ela criou inesperadamente sua marca pessoal, que, tempos depois, foi utilizada por outros profissionais. “Até hoje eu me copio quando me deparo com alguma deficiência de materiais”, afirma. Contudo, Marga adora trabalhar com equipamentos

modernos "porque facilitam a vida, a montagem, não precisa de escada...".

Quando se trata de roteiro de luz, ela assume que é muito afeiçoada ao papel em que faz suas anotações. "Tem respingo de café, gordura de batata frita, rasura aqui e ali. Se passar a limpo 'não rola'... Parece o roteiro de outra luz. Eu não consigo usar um roteiro passado a limpo", declara, aos risos. Segundo Marga, quanto à linguagem da luz, propriamente, é mais fácil identificar a luz de um profissional em shows de música do que a luz feita para dança ou teatro porque há marcas e regras mais específicas a serem seguidas, enquanto na músicao iluminador tem mais chance de "criar sua estética, sua marca, seu estilo".

SUFOCO

Marga conta que, em Salvador, para um show da Adriana Calcanhoto, foi montada uma estrutura enorme. Durante a montagem, que ocorria duas horas antes do evento, a estrutura desmoronou, quebrou o teclado do músico no palco e inúmeras lâmpadas. Só a bateria se livrou porque estava mais atrás. Um dos técnicos foi arrastado pelas ferragens para dentro de um fosso e quebrou o pé. Marga foi lançada para a área destinada à plateia. Eram 17h, e o show começaria às 19h. Veio um advogado e disse "o show tem que acontecer". Sobraram dois andaimes com 12 lâmpadas PAR de frente, dois intelabeam, um canhão seguidor... "A Adriana



Alexandre Lopes Fagundes

Peça teatral *O gêmeo imaginário*

GOBOS DO BRASIL

Seus Gobos prontos no mesmo dia!



Algumas das melhores marcas do mundo você encontra aqui!



GOBOS DO BRASIL

Rua Chile, 678 - Vila Santa Luzia
 São Bernardo do Campo - SP - 09668-100
 Tel.: (11) 4368.8291 - ID Nextel: 1*32732
 Site: www.gobos.com.br - E-mail: gobos@gobos.com.br

Calcanhoto perguntou: 'dá pra encarar?'. A gente respondeu 'vamos lá!'. Marga recorda que chorou em determinados momentos durante a operação, pois tinha criado "uma luz maravilhosa", estava cheia de expectativa positiva na véspera e o show aconteceu com o que sobrou.

ADMIRAÇÃO E A LUZ INESQUECÍVEL

Marga adora o trabalho do iluminador Adriano Vale (de Belo Horizonte), da Banda Pato Fu e da cantora Fernanda Takai. Justifica. "Ele é músico, é baterista, então me encanto com a luz que ele cria para os shows de música. Tem umas sacadas de sincronia, de pausas, dinâmicas... E o João Acir, porque 'mais é menos'. Incrível... Com meia dúzia de lâmpadas ele criava um clima maravilhoso." Quanto à luz inesquecível, ela diz que nunca esquecerá a luz de um show de Ney Matogrosso em tributo a Ângela Maria. "Jamais vou esquecer da beleza daquela luz que dialogava com uma cortina de miçangas. E a luz de um grupo da Catalunha que vi no *Porto Alegre em Cena*, porque eles não usavam fumaça, mas uma brisa de água, um vapor de água. Que lindo ficou aquilo."



Gravação do DVD *Rock de Galpão*, nas Missões, Rio Grande do Sul

HOJE

Marga se mantém em atividade e também criou pupilos, como André Domingues (iluminador do Nenhum de Nós e chamado para diversos trabalhos) e Maurício Moura (ilumina Ney Lisboa e vários eventos), que, segundo ela, "superou a mestra". Cita ainda Jamile Tormann (sua sobrinha, hoje coordenadora pedagógica de um curso de pós-graduação em iluminação que ocorre em 24 capitais brasileiras) e Lu Gonçalves (ilumina a cantora Mart'nália). Atualmente conta com Carol Zimermam como sua assistente. Como parte de suas atividades, além dos espetáculos de música e teatro, fez a iluminação de uma igreja a convite da Prefeitura de Vacaria e cria a luz para eventos corporativos. Para quem quer começar na profissão, ela aconselha fazer cursos, e não desperdiçar a internet pois há muita informação útil. Recomenda a leitura de livros publicados no mercado porque considera importante a formação teórica, e indica a *Luz & Cena*, caderno em que é comum a troca de experiências por meio de relatos dos profissionais. Marga ainda destaca que, se possível, o profissional deve estar sempre em contato com outros mais experientes. •



COPEL

Farley Derze é professor do Instituto de Pós-Graduação, diretor de Gestão e Pesquisa da empresa Jamile Tormann Iluminação Cênica e Arquitetural e membro do Núcleo de Estética e Semiótica da UnB. Doutorando em Arquitetura. E-mail: diretoria@jamilletormann.com